Primeiro mês da Constituinte aponta vitória da direita

Do enviado especial a Brasília

Esquerda e centro-esquerda festejaram e aplaudiram quando as bancadas do PFL e PTB se retiraram do plenário, na noite da última quarta-feira, para tentar obstruir a aprovação do Regimento Interno que daria ao Congresso constituinte amplos poderes para suspender a vigência de artigos da atual Constituição.

No entanto, logo perceberam que tinham cantado vitória cedo demais. Juntas, esquerda e centro-esquerda não possuíam os 280 votos necessários para aprovar o substitutivo que havia sido elaborado por uma de suas estrelas, o senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP). O resultado foi uma retirada desordenada de plenário para evitar que o Regimento fosse rejeitado por falta de votos.

Um mês depois da instalação do Congresso constituinte, este espetáculo começa a ser rotina. A esquerda e a centro-esquerda convencem-se de que já ganharam e comemoram a vitória. Mas quem triunfa são a direita e a centro-direita, com os votos do centro oscilante e indefinido. A esquerda só resta o esperneio.

Constituinte exclusiva

A primeira batalha foi a da Constituinte exclusiva. No dia 27 de fevereiro, a bancada do PMDB na Câmara aprovou, por 160 votos contra quatro, um apelo para que Câmara e Senado não elegessem seus presidentes. O objetivo era eleger primeiro o deputado Ulysses Guimarães presidente do Congresso constituinte. Criado o precedente, Câmara e Senado seriam colocados em recesso.

O Senado ignorou o apelo. A Câmara, depois de muita discussão em plenário e fortes pressões do governo, elegeu Ulysses para a presidência. As pressões até que não seriam necessárias: 24 horas depois de aprovar o pedido, o PMDB já tinha recuado e mudado de posição.

A última batalha foi a da noite de quarta. Na manhã do dia seguinte, o vice-líder do PT, José Genoino (SP), já antecipava o que aconteceria. O PMDB tentaria um acordo com o PFL. Acertou. Na sexta-feira, o amplo direito dos constituintes suspenderem a vigência de artigos da atual Constituição já havia encolhido. Pelo acordo que se desenha com o PFL, esse direito só existirá quando surgir um fato grave que ameace os trabalhos ou decisões do Congresso constituinte.

"Direita light"

Neste primeiro mês de Congresso constitunte, esquerda e centro-esquerda nem sempre se entenderam. E a direita fechou, muitas vezes, com a esquerda. Isso ficou claro quando o PT pediu a convocação do ministro da Fazenda, Dilson Funaro, para que explicasse em plenário a situação econômico-financeira do país. O centro peemedebista votou contra. Sua centro-esquerda se dividiu. A esquerda e a direita votaram a favor da convocação. Esse fato levou o líder do PDS, Amaral Netto (RJ), a se proclamar líder da minoria no Congresso constituinte (o PDS votou com o PT naquele episódio).

Mas, se há divisão nas esquerdas, as direitas também não se entendem algumas vezes. Preocupado em não ser caudatário do PFL, o PDS já chega até a ser chamado de "direita light". Assim, o senador Jarbas Passarinho (PDS-PA), líder do partido no Senado, já admite o direito de trinta mil cidadãos poderem encaminhar projetos à Constituinte, o que não é admitido pelo PFL. O deputado Bonifácio de Andrada (PDS-MG) ficou com a esquerda durante os debates em torno da Constituinte exclusiva.

"Bancada do Sarney"

Se as esquerdas curtiam uma ressaca política na manhã de quinta-feira passada, os conservadores exultavam. Afinal, o impasse na votação do Regimento havia definido quem era quem em plenário. Trocando em miúdos, achavam que o impasse havia revelado quais eram os constituintes que formam a "bancada do Sarney". Ou, como diz o líder do PFL, José Lourenço (BA), quem forma o "bloco central", que ele gostaria que se chamasse "Bloco Tancredo Neves".

Para obter a retirada de peemedebistas de plenário valeu tudo: de visitas do ministro da Justiça, Paulo Brossard, a uma reunião de coordenadores das bancadas do PMDB e telefonemas do Planalto e, particularmente, do governador eleito de Minas, Newton Cardoso (PMDB).

Quando o PMDB desconfiou que não teria os votos suficientes para aprovar o Regimento, pediu uma verificação de presença. Já era tarde. Havia apenas 283 constituintes em plenário, muitos deles do PTB e PDS. E muitos peemedebistas presentes não eram confiáveis.

Um exame da lista de presença na manhã de quinta-feira foi revelador. A bancada mais ausente era a de Minas, com vinte ausências. Oito paulistas também estavam ausentes. As bancadas mais fiéis foram as do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Estavam em peso. Do PMDB, faltaram 109 dos seus 305 constituintes.

O triunfalismo dos conservadores também pode ser prematuro. Entre os ausentes, estavam os senadores Severo Gomes (PMDB-SP) e Álvaro Dias (PMDB-PR), insuspeitos de direitismo ou conservadorismo. Mas é verdade também que faltaram ou se retiraram do plenário peemedebistas como Carlos Sant'Anna (BA), líder do governo na Câmara, Humberto Lucena (PB), Irapuan Costa Jr. (GO), Prisco Viana (BA) e Aécio Neves (MG), neto de Tancredo. Sintomaticamente, o terceiro secretário da Câmara e fiel escudeiro de Ulysses, deputado Heráclito Fortes (PMDB-PI), estava no canto mais escuro do plenário. Não respondeu à chamada.

O líder do PMDB na Câmara, Luiz Henrique (SC), disse depois que muitos peemedebistas não tinham sido avisados da votação. Desorganização da liderança à parte, foi a mais nova e mais importante vitória dos conservadores. (Tadeu Afonso)

Proposta de Regimento Interno é o tema central das discussões

Da Sucursal de Brasília

O Congresso constituinte realizou 28 sessões em seu primeiro mês de funcionamento, das quais nove foram destinadas à discussão e tentativa de votação de seu Regimento Interno. Em seus discursos -foram 911 durante o período-, cerca de 30% dos parlamentares sequer mencionaram a Constituinte em seus discursos, preferindo falar de problemas relacionados com suas regiões de influência, morte de amigos, aniversário de fundação de partido e até —para desespero dos constituintes— solicitação para que não houvesse recesso da assembléia durante o Carnaval.

Para o senador Mário Covas (PMDB—SP), 56, "apesar de alguns tropeços", os parlamentares mostraram uma atuação "típica de constituintes". Disse que a Constituinte de 1946, embora exclusiva, levou 45 dias para aprovar seu Regimento. "Nós deveremos fazer isso antes que sejam completados quarenta dias", afirmou.

Mário Covas disse que "os tropeços são normais porque os parlamentares são municiados pelos seus eleitores e, como a Câmara e o Senado ainda estão em recesso, utilizaram a tribuna da Constituinte para fazer suas comunicações".

O presidente do Congresso constituinte, da Câmara dos Deputados e do PMDB, Ulysses Guimarães, 70, acha que até agora "a Constituinte foi Constituinte". Segundo ele, ressalvados alguns discursos, toda a movimentação dos partidos deu-se em torno do Congresso constituinte. "Veja bem, é Regimento, é liderança. Tudo está em torno da Constituinte".

O senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB—SP), 55, também acha que a Constituinte agiu como tal. "Posso falar isso invocando minha experiência parlamentar. É um trabalho diferente do da Câmara e do Senado. Alguém apresentou algum projeto de lei?" perguntou.

"Pinga-fogo"

O líder do PDS na Câmara, Amaral Netto (RJ), 66, afirmou que o único ponto semelhante entre a Constituinte e a Câmara é o "pinga-fogo". Só que o da Câmara dura uma hora e o da Constituinte três horas. Por isso, foi até batizado de "pingão". Nele, conforme as normas do regulamento provisório do Congresso constituinte, não são permitidos apartes. Cada orador dispõe de três minutos, geralmente prorrogados por mais três, por liberalidade da Mesa da Constituinte.

As atas do Congresso constituinte registram a presença, em todas as sessões, de Ulysses Guimarães, Humberto Souto (PFL—MG), Rita Camata (PMDB—ES), Meira Filho (PMDB—DF) e Aldo Arantes (PC do B—GO), entre outros.

Segundo o senador Meira Filho, 62, sua presença assídua em plenário visa demonstrar que trabalha e tem também o objetivo de "aprendizado com os colegas mais antigos". Rita Camata, 26, diz que não falta a nenhuma sessão para mostrar que a mulher "está atenta ao que vem acontecendo e à necessidade de garantir seu espaço e direitos na próxima Constituição".

Se Meira Filho quer aprender e Rita Camata quer assegurar os direitos da mulher, existem aqueles preocupados com temas pessoais, atuais e regionais e que transformam a tribuna da Constituinte no local para abordá-los. Francisco Humberto, 41, único representante do PDT em Minas Gerais, foi à tribuna falar na aliança entre seu partido e o PT na disputa pela prefeitura de Nova Lima (MG).

Outro do PDT que fugiu dos temas constitituintes foi Lysâneas Maciel (RJ), 60. Da tribuna, denunciou "a intervenção do governo federal do Rio, por causa da questão do Banerj".

PCB e PC do B

Haroldo Lima (PC do B—BA), 47, subiu à tribuna no dia 18 de fevereiro para registrar "o dia da reorganização marxista-leninista" de seu partido — segundo ele, 18 de fevereiro de 1962, quando o PC do B abriu uma dissidência no PCB. Fernando Santana, 71, do PCB baiano, abordou a conveniência da implantação de um plano nacional de recuperação da bacia hidrográfica.

Nilson Gibson (PMDB—PE), 51, comunicou, da tribuna da Constituinte, a morte de um desembargador em Pernambuco e Hélio Costa (PMDB—MG), 47, jornalista, falou da "maior crise econômica já vivida pelo país". No entanto, ninguém conseguiu causar, com um discurso, tanta apreensão como o senador Fábio Lucena (PMDB—AM), 46. Ele pediu a Ulysses Guimarães convocação de sessões em todos os dias do Carnaval. (João Domingos)

Novas expressões renovam o jargão parlamentar

Da Sucursal de Brasília

Um mês depois de instalado, o Congresso constituinte ainda não criou nenhum mandamento constitucional novo. Esse período, no entanto, foi suficiente para que o jargão parlamentar passasse por uma ampla reforma.

"Anjos", "xiitas", "jacobinos" "direita-light" e dezenas de outras expressões novas ou readaptadas passaram a povoar o vocabulário constituinte. O deputado Lúcio Alcântara (PFL-CE) criou o verbo "tratorar", para definir as atitudes do presidente da Mesa, Ulysses Guimarães, que suspende sessões, interrompe oradores e chega até mesmo a colidir com as regras da Casa toda vez que é de seu interesse "atropelar" manobras inconvenientes.

Os "anjos" são os parlamentares de primeiro mandato ainda não enfronhados nas artimanhas do Congresso. O adjetivo é, geralmente, aplicado a deputados bastante conhecidos, como Antonio Britto (PMDB-RS), Márcia Kubitschek (PMDB-DF), Hélio Costa (PMDB-MG) e Roberto D'Ávila (PDT-RJ), entre outros. Os "xiitas" são aqueles que defendem posturas mais intransigentes, como o comunista Haroldo Lima (PC do B-BA), o peemedebista João Cunha (SP) e o petista José Genoino (SP). Os "xiitas" são também apelidados de "jacobinos", numa alusão à esquerda revolucionária francesa de 1789.

A cansativa elaboração do regimento trouxe ao noticiário com insistência a palavra "soberania", para traduzir a ânsia dos congressistas de afastar qualquer obstáculo ao seu poder. A fronteira entre os agrupamentos políticos tem sido mais estabelecida na forma de "blocos" de interesses comuns do que, propriamente, de legendas partidárias. Apareceu também o "projeto de decisão" para designar a possibilidade eventual de se alterar a Constituição em vigor; e "iniciativa popular", pela qual os eleitores poderiam vir a apresentar proposições ao Congresso constituinte.

Muitas dessas expressões nascem da tentativa da imprensa de identificar pessoas, grupos ou situações para facilitar a compreensão do leitor e a expressão acaba pegando. Foi o caso da "frente liberal", denominação criada pela jornalista Maria Inês Nassif, do "Jornal do Brasil", para identificar o grupo de deputados pedessistas que, em 1984, passaram a resistir à candidatura do partido, encarnada pelo então deputado Paulo Maluf.

Mas ao mesmo tempo em que se criam novas expressões, outras mais velhas vão sendo abandonadas pela sua inconsistência ou inadequação ao novo quadro político. A designação "progressista", por exemplo —ou o seu sucedâneo, "autêntico"—, é raramente aplicada. "Radical", que há pouco tempo atrás só servia para políticos de "esquerda", hoje também se aplica à direita. Aliás, o novo espectro da adjetivação política trouxe à luz até mesmo a "direita-light", parlamentares do PDS ou do PFL que têm trânsito por setores menos conservadores do Congresso, caso dos senadores Virgílio Távora (PDS-CE) e Jarbas Passarinho (PDS-PA).

Novos deputados não se destacam no primeiro mês

Da Sucursal de Brasília

No primeiro mês de funcionamento do Congresso constituinte, poucos foram os deputados que se destacaram entre os 301 novos, eleitos para seu primeiro mandato na Câmara no último dia 15 de novembro. A deputada petista Benedita da Silva (RJ) foi a mais feliz entre os estreantes. Ao criticar o programa de controle de natalidade do governo brasileiro em seu primeiro discurso, Bené, falando de improviso, foi interrompida três vezes pelas palmas dos parlamentares.

Dois deputados peemedebistas gaúchos, Antônio Britto e Nelson Jobim, marcaram sua presença na defesa da soberania do Congresso constituinte e nas articulações em torno do Regimento Interno. A bancada do PMDB do Rio Grande do Sul, por sinal, foi a mais ativa neste mês, concentrando, proporcionalmente, o maior número de peemedebistas de esquerda e centro-esquerda.

Já a deputada Rachel Cândido (PFL-RO), em pouco mais de uma semana de trabalhos do Congresso constituinte, foi qualificada como "xiita" dentro de seu partido, por seu comportamento inquieto e destoante da postura adotada pelos pefelistas de um modo geral. Depois de um mês, ela conseguiu incompatibilizar-se com praticamente toda a bancada do PFL, a quem acusou de "submissa" ao governo federal. Rachel é vista sempre andando apressada, carregando papéis e conversando com parlamentares e visitantes.

Os deputados Roberto D'Ávila (PDT-RJ) e Hélio Costa (PMDB-MG), ambos jornalistas, ainda não corresponderam à expectativa gerada em torno de seus nomes. Ambos são vistos com frequência em plenário, mas não têm participado nas decisões mais relevantes. O mesmo tem acontecido com Aécio Neves (PMDB-MG), que ainda não conseguiu desvincular-se da imagem de neto de Tancredo Neves e ganhar vida própria no Congresso constituinte.

Há os destaques óbvios, dos parlamentares novos que chegaram a Brasília carregando em suasbagagens uma história de participação no cenário nacional já amplamente conhecida pela opinião pública, como Luis Inacio Lula da Silva (PT-SP), Antônio Delfim Netto (PDS-SP) e Francisco Dornelles (PFL-RJ).

Casal Camata dividido quanto à soberania

Da Sucursal de Brasília

O casal Gérson, 45, e Rita Camata, 26, ambos constituintes pelo PMDB-ES, dividiu-se na tumultuada sessão da noite da última quarta-feira, quando a maioria do PMDB, aliada aos partidos de esquerda, tentou aprovar o Regimento Interno do Congresso constituinte. Rita reagiu contra o desejo do Palácio do Planalto de limitar a soberania da Constituinte. Gérson retirou-se do plenário, juntamente com os parlamentares do PFL, PTB e PDS, para impedir a aprovação da proposta do senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP).

Gérson e Rita Camata, com a filha Enza Rafaela, no Congresso Nacional

Ao contrário dos outros parlamentares, o casal não discutiu as divergências no plenário. Eles conversaram em casa, enquanto assistiam um filme na televisão. "Não suporto mais o adiamento desta votação", disse Rita ao marido. Não aconteceu exatamente um conflito ideológico. Gérson, que já foi conhecido, no passado, como um político de esquerda (foi até processado pelo ex-presidente João Baptista Figueiredo por chamá-lo de "mentiroso", em 1982), alinha-se hoje aos "moderados" do seu partido. Rita nunca militou na esquerda. Estava apenas cansada do adiamento da votação.

O episódio do plenário quase passou despercebido. O brilho do casal Camata no Congresso constituinte fica por conta da necessidade que a mídia, principalmente a eletrônica, tem de uma "musa". Gérson já é conhecido como "o marido da Rita Camata", apesar dos seus quatro mandatos legislativos e o último de governador do Espírito Santo.

A estréia de Rita no Congresso constituinte foi tímida: leitura trêmula de um discurso com generalidades sobre injustiças sociais e a pobreza do país. Depois de passar a primeira semana aparecendo em praticamente todos os noticiários de televisão e jornais como "a musa da Constituinte", Rita se sobressaía, na semana passada, como a "mãe" na Constituinte. Ela resolvera levar sua filha, Enza Rafaela, de um ano e um mês, na terça-feira, para passear nos salões Verde (Câmara) e Azul (Senado). Foi o suficiente para se tornar a notícia do dia nos mais importantes jornais do país.